

Em Ammaia, os gladiadores lutavam junto à morada dos mortos

Lucinda Canelas

Escavações deste Verão confirmam uma necrópole colada ao anfiteatro da cidade romana fundada há mais de dois mil anos

A primeira sepultura foi localizada no ano passado, no corredor de acesso à porta norte do anfiteatro da cidade romana de Ammaia, a seis quilómetros de Marvão, uma estrutura descoberta em 2019 e escavada desde então. Os restos ósseos lá depositados depois de uma cremação terão pertencido a uma só pessoa e junto deles foram deixadas peças em cerâmica que fariam parte de um ritual fúnebre destinado a preparar o defunto para a vida depois da morte. Era possível que se tratasse de uma sepultura isolada, mas os investigadores duvidaram desde logo que assim fosse.

Na campanha deste Verão, os arqueólogos descobriram mais três fossas destinadas a enterramentos junto a este recinto de espectáculos que esteve em funcionamento entre meados do século I e meados do IV, mas sem quaisquer vestígios dos seus ocupantes, para além das oferendas que os terão acompanhado.

Os trabalhos confirmam, assim, a existência de uma necrópole junto a uma arena destinada aos jogos e ao lazer, onde os habitantes de Ammaia e quem por ali passava assistiam a combates de gladiadores e a lutas com animais.

Sepultar os mortos junto a anfiteatros, circos ou hipódromos não é coisa rara no mundo romano, mas parece hoje algo difícil de conciliar, mesmo quando sabemos que estes recintos eram, regra geral, construídos nos limites dos centros urbanos, afastados das áreas residenciais.

“Enterrar os mortos longe da área onde moram os vivos faz sentido para nós, mas não colados a um local onde as pessoas se divertem. Compatibilizar estes dois usos num mesmo espaço – arena e necrópole – levanta questões sobre os ritmos de actividade no anfiteatro, sobre se estariam ambas em funcionamento na mesma altura”, diz a arqueóloga Catarina Viegas, que coordenou os trabalhos deste Verão. “Sabemos que esta coincidência de funções acontece noutros lugares do mundo romano e que a arena estaria em uso ainda no século IV, mas é muito provável que a entrada secundária em cuja área se encontraram as sepulturas tenha sido abandonada muito



Nas sepulturas foram encontrados recipientes de cerâmica e vidro

“

Enterrar os mortos colados a um local onde as pessoas se divertem não faz sentido para nós. Mas esta coincidência acontece noutros lugares do mundo romano

Catarina Viegas
Arqueóloga

julgam ser de prata, assim como tachas metálicas que terão pertencido a sandálias de couro e um conjunto de pequenas lucernas, materiais que se destinavam ao caminho de transição entre uma vida e outra.

“Pensamos que os restos mortais que estariam nestas fossas seriam resultado de cremações, mas não podemos ter a certeza porque não há ossos nem carvões. Temos os gestos rituais, via objectos que acompanhariam a pessoa ali sepultada na sua transição entre a vida terrena e aquela que viria depois da morte, mas não temos os testemunhos materiais, concretos, das incinerações”, sublinha Catarina Viegas, investigadora do Uniarq.

Os arqueólogos acreditam que o facto de as sepulturas terem sido escavadas numa zona de encosta pode ajudar a explicar a ausência de outros vestígios: “Estando num declive, a água das chuvas pode ter arrastado os restos de ossos e de carvões. Fez, aliás, o mesmo a alguns potes e outros recipientes, que encontramos dispersos pela área, alguns virados ao contrário, o que nunca aconteceria se tivessem permanecido no lugar em que foram deixados. Os pregos dispersos também nos indicam que ali haveria caixas de madeira, provavelmente para guardar as oferendas, que já não existem.”

Os solos daquela cidade romana, muito ácidos, também não são propícios à conservação de ossos, explica, lembrando que não se encontraram vestígios de fauna que permitam identificar os animais envolvidos nas lutas a que o público assistiria das bancadas de madeira do anfiteatro.

A análise estilística dos materiais retirados destas sepulturas, que serão agora limpos e restaurados nas oficinas da Fundação Cidade de Ammaia e, nalguns casos, expostos no seu museu, permitiu avançar uma datação para os enterramentos, estimando-se que tenham ocorrido entre os finais do século II e a segunda metade do III.

“Encontrámos uma outra sepultura no xisto, onde deverá ter sido inumado um indivíduo, mas sem ossadas e sem espólio, o que torna impossível a datação”, diz a investigadora, defendendo que “é muito provável” que, caso se alargue a área de escavação, se identifiquem mais fossas.

A necrópole junto ao anfiteatro não seria a única da cidade, mas é a única cuja localização se conhece ao certo. “O que recolhemos este ano pode trazer muita informação, mesmo que nas sepulturas já não haja outros vestígios dos mortos.”